



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17517 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
ISSN: 2595-7945  
GE Corpo e Educação

Um caminho possível do corpo e da escuta para uma escrita de si  
Rosilene Jorge dos Ramos - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **UM CAMINHO POSSÍVEL DO CORPO E DA ESCUTA PARA UMA ESCRITA DE SI**

Pensar o corpo na educação é uma perspectiva ampla e desafiadora. Assim, aqui pretende-se visualizar o papel do corpo da criança durante uma das atividades pedagógicas desenvolvidas no trabalho de dissertação de mestrado, que tinha por intuito promover afetamentos para crianças do sexto ano, estimulando-os a uma escrita de si, através do texto literário. Nossa pretensão é tentar estabelecer uma relação entre o movimento do corpo, o encontro com a alteridade e a escrita de si.

A opção pela autoetnografia delineou-se como promissora, pois nesse caminho me vi também mergulhada na viagem pela alteridade que atravessava nossas escritas de si. Assim, me vi construindo uma ação pedagógica em processo de *re-volta*, que observou como premissas: o deslocamento do eu cartesiano, considerando a ideia da subjetividade no encontro do Eu que se constitui um Eu não somente porque pensa a si, mas porque é pensando também (SOBRAL & PIRES, 2013); bem como uma compreensão dialógica da língua (BAKHTIN, 1993), na qual privilegiam-se as relações que existem entre os enunciados e a realidade.

Dessa maneira, as atividades além de se darem a uma produção textual visando a escrita de si, também visavam trazer uma experiência da criança com a alteridade. A primeira atividade baseava-se na pergunta: “Quem sou eu no olhar do outro?”. Atividade na qual eles ficaram dispostos em um círculo e deveriam preencher um formulário que indagava: “Quem sou eu no olhar da pessoa a minha direita?”; “Quem sou eu no olhar da pessoa a minha esquerda?” e “Quem eu acho que sou?”. É sobre essa atividade que fazemos o recorte desse resumo.

Tal atividade deu-se logo após as férias de julho. O início da atividade se deu comigo chamando um aluno por vez para compor a sala de aula, perguntando para eles se eu poderia iniciar as aulas somente com um aluno, deixando todo o resto da turma de fora. Depois, um outro professor, previamente convidado, propôs uma atividade que consistia em passar o bambolê por entre os corpos dos alunos e alunas da sala, que estavam dispostos em roda com as mãos dadas. A seguir, já que estávamos de mãos dadas fomos até a biblioteca dessa maneira. Lá lemos um texto que narrativo sobre a filosofia Ubuntu, junto com outra professora. De lá, voltamos para a sala, lemos um conto que tinha a figura do amigo como elemento de potência na vida do outro. A seguir, preenchemos o questionário descrito acima como forma de "pesquisa" de si para a composição do texto das escritas de si.

Aqui voltamos à essa experiência para pensar a respeito do corpo na educação, do corpo que se movimenta, do corpo que se traduz em uma escrita de si. Como os corpos dos alunos e alunas foram tratados nas atividades que tinham por intuito a promoção de uma escrita de si? Como o corpo adolescente é retratado nessas escritas de si? Quais relações se estabelecem entre as escritas de si, o processo de autorreflexão e os corpos das crianças? Como o corpo aparece nessas escritas de si?

Concentro-me na busca do movimento que os estimulou a pesquisar uma tradução de si, não somente a partir de seu próprio entendimento, mas na experimentação do encontro com as ações e comportamentos do outro. Ressalto que essa atividade de “pesquisa” não é composta somente da atividade descrita no relato aqui exposto, há outras ações que tinham o intuito de se criar espaços e possibilidades da criança tecer “pequenas provisões de significância e interpretação” para dizer de si. (DELEUZE & GUATTARI, 2012, pg. 26).

Na aula de 3 de março de 1982, Foucault nos convoca a pensar a respeito dos efeitos de “converter-se a si mesmo” na ordem do conhecimento e nos coloca diante de um movimento de *práticas de si* no intuito de nos estimular, não a “uma objetivação de si em um discurso verdadeiro, mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em uma prática e em um exercício de si sobre si” (FOUCAULT, 2006, pg. 401). Para nos colocar nesse fazer, ele nos mostra que as técnicas e práticas que “concernem à escuta, à leitura, à escrita e ao fato de falar” correspondem ao suporte permanente dessa prática de si, bem como constitui o primeiro momento dessa prática.

A seguir, coloca o primeiro passo para a busca desse exercício de se dar a conhecer a si: *A escuta*. Tal escuta não se faz sem silêncio, sem uma atitude física de certa imobilidade, sem que o corpo entre em um *cadenciamento de atenção* para o dito e retorne para o orador *marcas de atenção* em um acordo semiótico de compreensão e atenção ao que está sendo exposto (FOUCAULT, 2006, pg. 412-413). Como forjar um exercício de prática de si para crianças tão jovens? Como provocá-los? Como garantir um exercício de prática de si dentro da tagarelice presente em corpos pré-adolescentes? Como conduzi-los a uma escuta atenta, ativa? Como saber que estou sendo compreendida? Que marcas de atenção procurar, negociar,

construir?

Acredito que a ação inicial da atividade demonstrou a importância do conjunto da sala de aula para o trabalho pedagógico, bem como demonstrou que a nossa singularidade faz parte desse outro que se relaciona comigo. Desejava trazer a ideia de se ver no vazio da sala, de sentir uma certa ausência, para se perceber dentro daquele coletivo. Deleuze e Guattari nos incita à criação de um Corpo sem Órgãos (CsO), “que não se chega, que não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, pg. 12), mas afirma-nos que esse CsO é um limite. A experiência de uma prática de si também habita o corpo, o limite. Sabemos que o corpo carrega uma diversidade de valores (BAKHTIN, 2018) mas penso que, na referida atividade, sobressaiu a experiência da fase do corpo que aí circula, do corpo que passa algo (DELEUZE&GUATTARI, 2012), do corpo que se ausenta e interrompe a minha vivência, porque me limita a um eu-para-mim. (BAKHTIN, 2018).

Presumo que o habitar a escola em outros espaços diferentes da sala de aula cotidiana, procurando a parceria de outros corpos na composição das aulas contribuiu para a percepção de construção de si na relação com o outro, por isso a ideia da movimentação de um lado para outro, a ideia do movimento na prática de si. Confesso que a movimentação incomoda um pouco, tanto o professor que promoveu a bagunça quanto o professor que está ouvindo a “bagunça”, mas não é divertido deixar perpassar no corpo o riso, a brincadeira, os gritinhos? As práticas de si também não envolvem o movimento? Não envolvem essa abertura a conexões? Não envolve tirar o gesto mecânico da atividade docente e colocar em evidência o sentimento de alegria que deve estar associado ao aprender?

Penso que o *processo de experimentação* de “afectos, movimentos e velocidades” (DELEUZE, 2022, p.29) associados a uma *escuta* que constituía uma *pesquisa* para uma *escrita de si* foi proveitoso e causou certo impacto pois as crianças levaram a movimentação da pesquisa para seus textos.

Não há como medir efeitos e impactos da atividade no corpo-vida das crianças participantes da pesquisa, porém posso perceber que, na minha ação de professora, alguns preceitos vão ficando presentes: uma dose necessária de conservação, daquelas que abrigam uma consistência de estratificação para operar oposições ao sistema quando as circunstâncias exigem; pequenas rações de subjetividade suficiente para responder à dinâmica da realidade que surge em sala de aula; provisões de significância e interpretação para se recompor a cada aurora na expectativa de esperar uma criação de uma sala de aula outra. E só para lembrar, não há um controle para o sucesso do processo, podemos falhar, o que há de se estabelecer sempre é uma relação meticulosa. (DELEUZE & GUATTARI, 2012).

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Educação, Escuta, Escritas de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra.

6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 476 p.

DELEUZE & GUATTARI. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.3*. 2ªed. São Paulo: Editora 34. 2012.

FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOBRAL & PIRES, A.& V.L. *Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo de Bakhtin, Medvedy, Voloshinov*. In: *Bakhtiniana*, São Paulo, 8 (1): 201-219. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n1/en\\_a13v8n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n1/en_a13v8n1.pdf). Acesso em 20 dez. 2019.